ENTRE JOGOS, VIVÊNCIAS E VALORES: RELATOS DE QUEM COMPREENDEU QUE NUNCA SERÁ SOMENTE UM JOGO

Resumo - O esporte em suas diversas facetas é indiscutivelmente um dos fenômenos de transformação. Quando inserido no contexto escolar, há aqueles que o defendem com unhas e dentes e há aqueles que mantêm “um pé atrás”. Uma das formas de entender melhor a importância desse fenômeno no contexto escolar e a influência da competição esportiva para os alunos, é parar para ouvir os sujeitos em questão. Por isso, o objetivo do presente artigo é trazer relatos de adolescentes que viveram o esporte escolar em sua vertente competitiva. Além da aprendizagem de gestos técnicos, observa-se, em seus discursos, a absorção dos valores subjacentes na prática esportiva. Enfatizando, assim, a ideia de que nunca será somente um jogo.

Palavras-chave: escola; vivências; valores; jogo; competição.

BETWEEN GAMES, EXPERIENCES AND VALUES: REPORTS OF THOSE WHO UNDERSTAND THAT IT WILL NEVER BE ONLY A GAME

Abstract – Sport in its various facets is arguably one of the phenomena of transformation. When inserted in the school context, there are those who defend it tooth and nail and there are those who keep a “foot behind”. One way to better understand the importance of this phenomenon in the school context and the influence of sports competition for students, is to stop to listen to the subjects in question. Therefore, the objective of this article is to bring reports of adolescents who have experienced school sports in its competitive aspect. In addition to learning technical gestures, in their speeches, the absorption of the underlying values in sports practice is observed. Thus, emphasizing the idea that it will never be just a game.

Keywords: school; experiences; values; game; competition.

ENTRE JUEGOS, EXPERIENCIAS Y VALORES: RELATOS DE AQUELLOS QUE ENTIENDEN QUE NUNCA SERÁ SOLO UN JUEGO

Resumen - El deporte en sus diversas facetas es posiblemente uno de los fenómenos de transformación. Cuando se inserta en el contexto escolar, hay quienes lo defienden con uñas y dientes y hay quienes mantienen “un pie detrás”. Una forma de comprender mejor la importancia de este fenómeno en el contexto escolar y la influencia de la competencia deportiva para los estudiantes es dejar de escuchar las materias en cuestión. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es presentar informes de adolescentes que han experimentado los deportes escolares en su aspecto competitivo. Además de aprender gestos técnicos, en sus discursos, se observa la absorción de los valores subyacentes en la práctica deportiva. Destacando así la idea de que nunca será solo un juego.

Palabras-clave: colegio; experiencias; valores; deporte; competición.

*Andreza Rodrigues
Marreiros de Sousa*

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

marreiros79@gmail.com

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v4.id87](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id87)*

Recebido: 24 fev 2020

Aceito: 22 mai 2020

Publicado: 7 jun 2020

Para começo de conversa...

Há quem diga que escrever sobre esporte é um desafio complexo. Preciso concordar com tal afirmação, principalmente, por ser uma professora apaixonada pela Educação Física Escolar, pelo esporte e pelo resultado da relação esporte e escola.

Antes de mais nada, preciso deixar claro para você, leitor, a fonte dos relatos que você lerá nas próximas páginas. Passei quatro anos da minha vida vivendo o esporte escolar, com crianças e adolescentes do ensino fundamental II. Sim, a palavra é vivendo mesmo: tínhamos os treinos, a montagem da lista de quem poderia ir para os jogos, a entrega das autorizações; a entrega dos uniformes, as esperas pelo ônibus, o deslocamento para outro local, os jogos em si... enfim, isso fez parte do meu dia-a-dia por um bom tempo. Já tinha vivenciado, tudo isso, a um tempo atrás, porém eu estava na posição de aluna (sendo inesquecível da mesma forma).

Com o decorrer desses anos, de treinos e jogos, fui percebendo, na prática, o quão o esporte interfere na formação do estudante. Muitos alunos passaram pelo meu caminho, mas tiveram alguns, em especial, que me fizeram parar e escutar deles que tipo de influência era essa que tornava o esporte escolar tão importante para a formação global do sujeito. Esses meninos e meninas estiveram comigo quando eu comecei a dar aula e, desde então, eu pude acompanhá-los até sua conclusão no ensino fundamental.

Portanto, o que você encontrará nas próximas páginas são relatos. Relatos de jovens que viveram o esporte escolar e que foram estimulados a pensar não somente na execução de gestos esportivos ou na conquista de medalhas. São estudantes que aprenderam a refletir sobre as sensações que tiveram, sobre as relações estabelecidas, sobre as alegrias, tristezas e os valores aprendidos.

Para terminar, noto que estamos vivendo uma maré ruim no esporte escolar (e em outras tantas esferas também). Esse fenômeno no contexto escolar tem sido desvalorizado a ponto de impedir que os alunos participem dos jogos. Mas esse não é o objetivo desse artigo, deixemos esse assunto para uma próxima discussão. Para hoje, fiquemos com o que há mais de belo, encantador e poderoso do esporte escolar.

Dando prosseguimento a conversa...

Num devaneio temporal, o Professor João Batista Freire se depara com uma situação no ano de 2026. Segundo ele, nossas autoridades acabam por descobrir que

professores “marginalmente” não cumpriam o currículo proposto e que tais “acusados” reconheciam isso com orgulho; suas ações contaminavam também os jovens, que se rebelavam contra o currículo. O efeito desse crime foi notado anos depois do início dessa prática, visto que a quantidade de talentos esportivos tinha diminuído. Ao rever os objetivos dessas aulas, notava-se certa ênfase na formação de cidadãos e não de atletas. Nesse brilhante texto, o Professor João Batista Freire¹, defende a ideia de que a escola não é um meio para se formar atletas, mas sim cidadãos. Com isso:

[...], os professores que dão aulas de Educação Física baseados nessas ideias [de formar cidadãos e não atletas], pretendem que a Educação Física eduque, não apenas o corpo das pessoas, mas as pessoas como um todo, porque, para elas, o corpo é a pessoa toda. Isso significaria, portanto, uma educação para a vida, dentro e fora da escola, para o lúdico e para o trabalho ao mesmo tempo (p. 36).

Por isso, enquanto a importância for dada somente às modalidades esportivas ou ginásticas, e as pessoas ficarem em segundo plano, a Educação Física continuará a fracassar². Diante disso, iniciemos esse artigo com a certeza de que o objetivo da Educação Física escolar não é formar atletas. Em algum momento da história o esporte era entendido como sinônimo de Educação Física e, atualmente, o entendimento da prática esportiva como repetição do gesto pelo gesto foi superado. Ainda assim, considero que o Esporte propicia o desenvolvimento humano contribuindo para desenvolvimento de uma sociedade que demanda mais valores, como respeito, amizade e igualdade³.

[...], o esporte podia e devia ser praticado nas escolas [...], mas não com o objetivo de formar grandes atletas, e sim como ferramenta educacional, meio de formar cidadãos [...], [o esporte] tinha o enorme poder mobilizador¹ (p.33).

Um dos componentes presentes no esporte é a competição. Muitas vezes, ela é vista como algo que traumatiza. Isso porque muitos professores a utilizam de forma errada, enfatizando o ganhar a qualquer custo e isso tira o prazer da prática dessa criança. Nesse ponto eu concordo: uma ênfase demasiada na competição, principalmente na escola, pode gerar uma aversão ao esporte por parte da criança. Mas é necessário tomar cuidado com generalizações e, por isso, não devemos tornar a competição escolar uma vilã; tirá-la da vida da criança com esse tipo de argumento, não é correto. Competição é

humano e o esporte é responsável, também, pela formação do caráter do indivíduo. As dificuldades e desafios encontrados na competição esportiva são muito semelhantes aos encontrados na vida e é aí que entra a importância do trabalho baseado nos valores olímpicos⁴.

O senso comum nos diz que o verdadeiro ser se manifesta nas quadras, nas situações em que, mesmo sendo simbólicas, as pressões exercidas sobre nós fazem surgir o que temos muitas vezes escondido em nosso interior, seja o cavalheirismo, a solidariedade, a humildade, a gentileza, seja o deboche, o egoísmo, a soberba ou a agressão² (p. 109).

Ao se deparar com situações competitivas, as crianças serão exigidas a impor seus posicionamentos, irão se deparar com a solução de problemas, e entre outros fatores que não encontramos somente em ambiente esportivo. O esporte traz a possibilidade de vivenciar questões, que influenciam diretamente na formação de indivíduos. A formação de atletas na escola não deve ser encarada apenas pela ordem técnica, mas por aquela que propõe a formação educacional, que preza pelos valores humanos⁵.

Em relação a esses valores, devemos citar o chamado Movimento Olímpico que visa disseminar tais valores orientando o comportamento das pessoas e da sociedade⁶. A promoção desses valores é uma tarefa educativa e o esporte é um meio para alcançá-los⁷.

É aqui que se faz a importância do esporte na escola e da figura do Professor como agente transformador. É necessário um olhar atento para que ele possa mostrar aos alunos que esporte não é só o “movimento corporal”; há valores subjacentes que ficam eternizados em nossa história, mesmo que não tenhamos consciência disso.

Em sua melhor vertente, a competição esportiva deve estar presente na vida do aluno e, quando isso acontece, vemos torneios, campeonatos e amistosos entre regiões, escolas e até mesmo entre as salas de aula (os inesquecíveis interclasses). Independentemente da modalidade, essa junção de esporte e competição gera uma movimentação (entre os alunos, professores) antes não vista e que para sempre é lembrada; se torna marcante porque além da prática, se aprende, indiretamente, valores essenciais para a vida do aluno.

Costumo dizer que os valores que aprendi no esporte, me ajudaram a ser quem eu sou hoje. Todo esse ambiente de competição esteve presente na minha formação pessoal e profissional. E, por isso, trago nesse artigo alguns relatos. São relatos de adolescentes que estavam prestes a sair do ensino fundamental e partir para outra etapa da vida escolar,

que possivelmente não daria a eles tais experiências. São falas de alunos que vivenciaram a competição escolar, em sua esfera mais benéfica possível; de quem teve a oportunidade de viver a competição e que perceberam que não somente jogaram pela escola. São meninos e meninas que tiveram a ‘sorte’ de vivenciar uma época em que o esporte escolar era mais valorizado, respeitado. Nas próximas linhas, parágrafos e tópicos, tratarei sobre os relatos dos adolescentes com quem eu tive o prazer de ter contato. Jovens que tornaram minha trajetória no esporte escolar mais prazerosa.

A minha intenção com esse artigo é mostrar a face do esporte e da competição escolar pela ótica dos alunos. São discursos daqueles que não tinham a dimensão do significado do esporte em suas vidas, pelo fato de simplesmente, nunca terem pensado sobre o assunto. Assim, cada um deles parou, olhou para trás, refletiu e nos trouxe uma conclusão: Nunca foi somente um jogo.

Viver é muito perigoso...: sobre Coragem, Determinação e Excelência

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

João Guimarães Rosa

Para que não haja desistência, é necessária coragem. Coragem para enfrentar os medos e transpor barreiras, independente da altura. Sem nenhuma contextualização prévia, trago o relato de um dos alunos: “eu aprendi muito com todas essas experiências, mas aprendi principalmente que a vida não é feita apenas de vitórias; que existem momentos que você vai tropeçar, mas o importante é saber como levantar e seguir em frente”.

Se você não soubesse que essa fala é de um garoto de quatorze anos, com certeza você diria que essa pessoa tem anos de experiência de vida. Quero dizer que, teoricamente, para se falar sobre tropeços e resiliência, imaginamos que seja um adulto com suas constantes e diversas dificuldades que enfrenta ou enfrentou ao percorrer seu caminho. Mas não, estamos falando de um adolescente. Que vive em um contexto desfavorável e que encontra no esporte um meio para fugir de uma realidade cruel; realidade essa que espalha muitos ruídos e que torna inaudível qualquer tipo de chamado

para o esporte, ou para qualquer contexto que exija dele essa coragem de fazer diferente; sociedade essa que, me parece, não quer ver jovens da periferia “dando certo na vida”. Então, além de coragem, ele precisa de determinação.

Esse valor está ligado à força que nos mantém perseguindo nossos objetivos. Notamos, agora, relatos de meninas que praticam um esporte considerado “de menino” e que enfrentaram preconceitos de várias partes: “Depois de muitas desconfianças sobre nós, provamos que éramos capazes. Os olhares de reprovação me entristeceram, mas me fizeram seguir em frente. Ô Professora, lugar de mulher é aonde ela quiser”!

Muitas vezes, a falta de apoio para a prática do Futebol vinha de dentro de casa. Desde proibições à participação nos campeonatos escolares a visitas destes pais/mães na escola para dizer que a filha deles não iria aos jogos, “[...] pois ela tem que estudar”! Contrapondo-se a esses discursos, essas meninas continuaram a jogar e fizeram ainda mais: procuraram outros lugares para praticar. E, não satisfeitas, montaram equipes femininas que se fizeram presentes nas quadras, disputando espaços com os meninos.

Mas de nada adianta ter coragem para enfrentar as barreiras e determinação para manterem-se firmes, é necessário um algo a mais. O contexto não favorece, então, eles e elas estão condicionados a pensar que a distância para se chegar num lugar melhor é mais longa comparada a outros de uma classe social diferente. Até aí, não falei nenhuma inverdade; o problema é que também são condicionados a pensar que, pela distância ser maior, é impossível chegar lá. Aos que não se acomodam com esse cenário, eles percebem que não é só ‘correr’ mais, é necessário correr melhor para serem bons, muito bons; sem contar que o número de chances é extremamente reduzido. Uma das figuras mais utilizadas para ilustrar a busca pela perfeição é a de uma ginasta romena. Antes de mais nada é necessário enfatizar que excelência é buscar o melhor de si mesmo e não ser melhor do que o outro. Retomando a história da atleta, ela se chama Nádia Comaneci. Talvez você já tenha ouvido falar; ela é a dona da primeira nota dez da história da ginástica artística, em execuções consideradas perfeitas ela consegue o feito de sete notas dez, ganhando medalha de ouro na trave, nas barras assimétricas e no individual geral. Essa situação é o real significado do que é Excelência, que: “implica o mais alto grau de qualidade e perfeição. É a busca do melhor de si e, não necessariamente, da superação de alguém⁸”.

Treinar é um “excesso” para depurar e eliminar o defeituoso e feio, o excessivo e oneroso, e tornar significativo o insignificante, algo muito

exigente, difícil, incômodo e enfadonho. E até desanimador, porque a arte mora nos detalhes, e estes não se deixam aprimorar com um estalar de dedos ou com golpes de magia. Treinar é trabalho árduo e porfiado; custa sangue, suor e lágrimas. Mas, não dispomos de outra via para chegar à plena realização e satisfação⁹ (p. 23).

Essa ideia de excelência não era tratada no sentido de ser tecnicamente perfeito. Mas de entender que quando conseguimos nos superar e darmos o melhor de nós, os resultados obtidos são os melhores; isso foge da dicotomia entre vitória e derrota e aponta o olhar para o entendimento de si mesmo. Ao entrar em quadra, sentia-se certa pressão de estar representando a escola. Era um frio na barriga natural, afinal era outra quadra, outros adversários, havia uma preparação para estar ali, havia árbitros, outras pessoas assistindo. esse conjunto de situações trouxe uma sensação de ser cada vez melhor que eles mesmos.

Uma Educação Física escolar como espaço de descoberta... estamos falando sobre: respeito, igualdade e amizade.

Conviver em sociedade, teoricamente, é fácil. Basta saber lidar com as diferenças pessoais de cada um, entender que se tem maneiras adequadas de se portar de acordo com o ambiente em que se insere e que, ao não concordar, devemos levar em conta o direito do outro de ter um ponto de vista diferente do seu. Tais preceitos estão baseados num valor chamado respeito, que é definido como: o reconhecimento da dignidade e comportamento próprios ou alheios¹⁰. Traduzindo: é o sentimento que leva em conta a outra pessoa.

Para uma boa convivência em equipe é necessário respeito entre todos os membros. Em relação a isso, os meninos e meninas enfatizaram o clima de união entre os jogadores e professores. O respeito entre todos, o entendimento de que não tinha ninguém ali que fosse insubstituível, mas, sim, que havia um time e que todos ‘trabalhariam’ para um só objetivo que era o de representar a escola (independente de qual fosse o resultado). Mas esse valor não é só entre aqueles que se conhecem, se fosse assim seria fácil demais. É necessário que haja, também, com os colegas adversários. E em relação a isso, nas falas dos alunos podemos notar uma consciência de que as outras equipes eram boas também e que eles não tinham o direito de desprezá-las de alguma forma.

Diante disso, foi dado o poder de escolha a todos que estavam ali, e todos quiseram. Eles foram para vivenciar o esporte escolar em uma de suas faces mais preciosas: a da competição. Nota-se uma busca de pertencimento ao que os humaniza, sendo relacionado ao valor de igualdade. Falas como: “Não tinha coisa melhor do que você ganhar o jogo e depois voltar para sua escola com os seus companheiros de equipe conversando felizes dentro do ônibus [...]”, nos faz pensar que não é só um jogo. Nos faz pensar que não é só ir lá e sentir a pressão de estar ali, é muito mais do que isso. É muito mais do que imaginamos. Pertencer à escola, representando-a em campeonatos externos foi uma das lembranças mais presentes. Os relatos emergiam da sensação de vestir a camisa da escola, entrar em quadra para representá-la e, até mesmo, de entrar para a história dessa instituição. O fato de os alunos jogarem vestidos com o uniforme de sua escola e nas fases subsequentes da competição serem identificados como representantes da sua região e, possivelmente, sua cidade implica em estimular cada vez mais a inclusão deste aluno ao seu grupo. Muitos professores relatam as mudanças positivas no comportamento dos alunos que participam das competições, dos times e equipes¹¹.

Isso prova o imaginário heroico promovido pelas competições olímpicas. O agente mobilizador não é o prêmio material em forma de metal pendurado no peito [...]. O que move atletas de diferentes gerações em busca de uma participação olímpica é a possibilidade de entrar para um grupo muito restrito capaz de feitos incomuns. É a possibilidade de ter a própria existência vinculada a um resultado maior que o pódio em si¹².*

Devemos falar, também, dos laços que se formam nessa fase. Laços que são fortalecidos a cada treino, jogo. Elos que não precisam de convivência diária para se fortalecer. Isso porque, ao se dispor a defender uma causa, todos ali viram ‘um só corpo’. Formando não só uma equipe, mas uma seleção, nas palavras deles. Aí vem o valor da amizade, que é definida como: uma comunidade ou parte de solidariedade de várias pessoas em determinadas atitudes, valores ou bens e está ligada a afetos positivos, que implicam solicitude, cuidado, piedade etc.¹⁰. É interagir respeitosamente com as pessoas.

* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2019/09/nao-e-so-quem-sobe-no-podio-que-merece-ser-chamado-de-heroi.shtml?origin=folha#>.

Sobre inspiração, falamos de um ‘parentesco de destinos’...

O Professor se liga à eternidade; ele nunca sabe aonde cessa a sua influência.

Henry Adams

A coragem, a determinação e a excelência são valores muito importantes. O respeito, a igualdade e a amizade, são valores de extrema relevância, visto que são essenciais para relações interpessoais e subjetivas que interferem na formação do sujeito. Mas tudo isso não tem sentido, se não tivermos alguém para nos incentivar e nos ajudar a perceber que não é só uma prática pela prática. Há muita coisa envolvida.

[...] São [aqueles] alunos, que encontram em seus professores, respostas para suas questões de momento por meio da admiração e da inspiração, transformando o árduo e precário cotidiano presente no sonho de um futuro melhor³ (p.53).

De uma forma brilhante, Zimmermann (2019) ³ traz uma comparação da figura do Professor com um dos personagens clássicos da literatura espanhola:

Quase como uma jornada heroica, num rápido devaneio surge a figura de Dom Quixote, o homem de la Mancha, que percorre campos e persegue moinhos, luta bravamente com as figuras mais bizarras e tem no brilho dos seus olhos a amada Dulcinéia. A Educação e a escola muitas vezes exigem deste professor uma aventura quixotesca para não sucumbir (p.57).

Não tem como, todos nós temos alguma história de um professor marcante em nossas vidas. Pode ser aquele que, ao dar aula, fazia seus olhos brilharem ou aqueles que eram rígidos, e que conversam pouco. Eu sempre fui muito ligada aos meus professores, independentemente da personalidade de cada um. Me chamava a atenção aquela coragem de estar à frente de uma sala de aula; me impressionava a forma de exposição de conteúdo e principalmente: como alguém sabe de tudo isso? Mais do que dominar conteúdos, o professor tem uma capacidade de modificar a vida do aluno e sobre isso ele não tem controle; e talvez ele nunca saiba. O Professor modifica vidas, e o seu olhar atento e cuidadoso para os sonhos dos alunos, o torna um verdadeiro herói.

Considerações finais

Nesses anos eu pude perceber que os resultados obtidos no final do ano letivo, não deveriam ser contabilizados somente como: ganhamos ou perdemos campeonatos, conseguimos ou não um lugar no pódio. Lógico que tais resultados eram vistos, mas eu percebi, com o tempo, que havia outros aspectos que precisavam de atenção. E o que me ajudou nessa percepção, foi ter passado pelas mesmas situações que todos esses alunos. Eu vivi a competição escolar e posso dizer, com toda propriedade que não foram somente jogos. “As competições escolares tinham o poder de transformar um ‘simples’ jogo de bairros rivais em um clássico capaz de levantar a multidão formada por colegas de sala e de outras turmas^{14,†}”.

Durante o período escolar, e consequente período de jogos, recebemos uma enxurrada de informações, estímulos e tantas outras coisas, que nos fazem tomar para si a ideia de que é só uma prática esportiva. Por não termos entendimento da importância de toda essa vivência e o quão ela é fundamental para a nossa formação pessoal, automaticamente reafirmamos a ideia de que foram somente alguns jogos que, por meio do chamado do professor, eu participei e representei a escola.

Fazer com que esses alunos refletissem sobre os anos que eles tiveram a oportunidade de participar dos campeonatos, resultou na consciência, por parte deles, de que o esporte é vida. Mas também resultou numa nostalgia, que fez com que eles tivessem dificuldades de expor aquilo que estavam pensando, aquilo que tinham vivido. E aí falamos sobre sensações. Tem algumas coisas inexplicáveis e, quando o são, quer dizer que fogem do nosso controle. Não conseguimos dimensionar, explicar ou entender. Apenas sentimos e em relação a isso, eles tentaram expor sentimentos que não tinham consciência de que existiam.

São falas que eu não consegui enquadrar em algum dos sete valores olímpicos. Que falavam sobre ansiedade pré-jogo: “[...] eu mal conseguia dormir no dia do jogo. Colocava cinco alarmes, para não correr o risco de não acordar [...]”. São relatos de sensações parecidas de que quando éramos crianças e aprontávamos alguma coisa, daí tínhamos que guardar aquele segredo para não receber uma bronca de nossos pais: “[...]”

[†] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2019/11/esporte-na-escola-faz-parte-da-educacao-com-e-maiusculo.shtml>.

era um frio na barriga gostoso antes de começar, chega as pernas ficavam bambas [...] quando eu lembro disso, chega arrepiar”.

Para a maioria dos alunos com quem eu conversei, era seu último ano do ensino fundamental e, naturalmente, último ano competindo pela escola. Talvez nos próximos três anos de ensino médio, eles não tenham a oportunidade de fazer o mesmo. E por isso, eles enfatizam que: “[...] como é meu último ano, eu quero viver isso de novo, aproveitar muito. Porque para mim, significa muito mais do que só alguns jogos. Ô Professora, tudo isso eu levo no coração e nunca vou esquecer.”

Quando começamos a treinar uma equipe de alguma modalidade, por exemplo, trabalhamos os fundamentos e conseguimos ter consciência da evolução da equipe e isso se dá pela observação dos movimentos executados. Ou seja, são resultados de curto ou médio prazo; podemos ter a certeza de que em algum momento iremos notar uma melhora de execução dos fundamentos treinados. Em relação aos valores, não adianta termos pressa; o resultado vem a longo prazo e, talvez, não consigamos notar. Findando o tempo escolar, os alunos seguem seus caminhos e, na maioria das vezes, não acompanhamos o desenrolar de suas trajetórias.

Em mais um de meus devaneios, acredito que no dia em que as escolas entenderem o poder do esporte na escola, nossas crianças e jovens serão transformados para sempre. A vivência na competição escolar é uma experiência ímpar, capaz de desencadear memórias que nos acompanham pelo resto de nossas vidas. Em uma de suas maravilhosas colocações, a filósofa e psicóloga Viviane Mosé diz: “[...] a competição não destrói nossa sociedade, o que destrói é a falta de ética”[§]. Portanto, a competição escolar não destrói a formação de nossas crianças, o que destrói é a falta de comprometimento, respeito e tantos outros valores essenciais para a formação cidadã. Não tem jeito: a quadra nos ensina, caleja, nos prepara; desconheço outro meio de se aprender determinados valores, que não seja pelo esporte, que não seja no chão da quadra.

Referências

1 Freire JB. Educação Física escolar, celeiro de atletas olímpicos: o infalível método de detecção e desenvolvimento de talentos esportivos. In: Remonte JG, Polito LFT.

[§] Relato oral Viviane Mosé no I Congresso de Educação Esportiva, Agosto 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKOz6DIjGk8>.

Educação física escolar e esporte de alto rendimento: dá jogo? Várzea Paulista, SP: Fontoura; 2018.

2 Remonte JG. Esporte de rendimento x Educação Física escolar: dá jogo? In: Remonte JG, Polito LFT. Educação física escolar e esporte de alto rendimento: dá jogo? Várzea Paulista, SP: Fontoura; 2018.

3 Zimmermann, MA. O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros [dissertação]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2019.

4 Perez CR, Zimmermann MA. Educação Olímpica e a Base Nacional Comum Curricular: uma aproximação entre esporte e educação. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(3): 555-568.

5 Zimmermann, MA. Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta. *Revista USP* 2016; 110: 79-84.

6 Quintilio NK, Marconi JR, Rabelo IS. Escala de Educação e Valores Olímpicos (EEVO-15): O desafio de mensurar valores humanos na prática educativa. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(3): 510-527.

7 Binder DL. Olympic values education: evolution of a pedagogy. *Educational Review*. 2012; 64(3): 275-302.

8 Perez CR, Rubio K. The understanding of olympic values by brazilian olympic athletes. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*. 2014; 1(12): 37-43.

9 Bento JO. Do desporto: Necessidade de recordar e avivar seu legado. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-26.

10 Abbagnano N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes; 2007.

11 Zimmermann MA. Educação no Esporte. A jornada das Olimpíadas Estudantis. In: Rubio K. Preservação da Memória - A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo: Keops; 2014.

12 Rubio K. Não é só quem sobre no pódio que merece ser chamado de herói. *Folha de São Paulo*, 2019 [citado em 04 fev. 2020]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2019/09/nao-e-so-quem-sobe-no-podio-que-merece-ser-chamado-de-heroi.shtml?origin=folha#>.

13 Sawitzki RL. Esporte escolar: Aspectos pedagógicos e de formação humana. São Leopoldo, RS: UNISINOS; 2007.

14 Rubio K. Esporte na escola faz parte da educação com E maiúsculo. *Folha de São Paulo*, 2019 [citado 20 jan. 2020] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2019/11/esporte-na-escola-faz-parte-da-educacao-com-e-maiusculo.shtml>.